

# Novos deputados queixam-se dos primeiros dias de Constituinte

Querendo falar no microfone de apertes, o deputado Cassio Cunha Lima (PMDB-PB), 23, precisou recorrer às cotoveladas para abrir caminho. Quando chegou ao microfone, a questão de ordem já fora resolvida e ele não pôde falar. O deputado Eraldo Trindade (PFL-AP), 31, critica os parlamentares mais velhos que pretendem ter o "monopólio da sabedoria e ensinar os mais novos". Neto de Tancredo, o deputado Aécio Neves (PMDB-MG), 26, diz que o Congresso constituinte "ainda não começou". A deputada Lídice da Mata (PC do B-BA), 31, confessa-se decepcionada com as dificuldades na discussão do regimento e Moema São Thiago (PDT-CE), 38, diz que "essa Constituinte poderia ser melhor organizada".

E assim, de decepção e frustração, o clima entre os deputados mais jovens ou em primeiro exercício do mandato. Eles se queixam de tudo: desde a falta de orientação sobre como andar pela Casa até os problemas que enfrentam com os parlamentares mais antigos.

Cunha Lima queixa-se, por exemplo, dos parlamentares que rodeiam permanentemente o microfone de apertes. Para penetrar ali, só mesmo usando os cotovelos. Segundo ele, os que mais tentam impedir os colegas de usar o microfone são os próprios líderes de bancada. O deputado diz ainda que ele e Luís Freire (PMDB-PE), 26, ficaram mais de uma hora, no primeiro dia de sessão, querendo saber onde se inscreviam para falar. Nenhum parlamentar disse. Acabaram descobrindo que era na mesa que fica atrás de Ulysses Guimarães. Cunha Lima, porém, é um dos poucos que não se diz frustrado. "Estamos tendo a última chance de resolver as crises do país".

Já Eraldo Trindade reclama dos mais velhos e dos conservadores. E

também dos progressistas que não se entendem sobre a questão da soberania. "Eles — diz — vão acabar fazendo com que a Constituição só seja aprovada em 1990. Além disso, os líderes querem decidir pelas bancadas".

Aécio Neves diz que o Congresso constituinte ainda não começou e critica aos que acusam os "rebeldes" do PMDB de quererem provocar uma desestabilização das instituições com o debate da soberania. É contra o decreto-lei, mas acrescenta que a nova Constituição deve ter prioridade.

Lídice da Mata reclama do pouco caso dos parlamentares para com os que estão na tribuna. "Muitos ficam lendo jornal ou conversando" — diz ela. A deputada afirma que, agora, quer mais escutar do que falar. Mas, como Moema São Thiago, confessa-se decepcionada. As duas reclamam das dificuldades na discussão do regimento interno e da soberania. "Vimos aqui — afirma Moema — para promover mudanças e isso está difícil". Moema queixa-se da falta de organização.